

# Tânia

## Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

O ano é 1977, eu estava no primeiro ano da faculdade, um período onde dividia as amizades do recém terminado colegial com as novas amizades da faculdade. Estranhei muito e até me assustei quando, ao chegar em casa quase à meia noite, vi o bilhete que minha mãe havia deixado ao lado do prato carinhosamente posto à mesa da cozinha: “*Sua amiga Tânia ligou e pediu pra você ligar de volta não importa a hora*”. Obviamente liguei imediatamente e ela, atendendo ao primeiro toque foi logo dizendo: preciso muito falar com você e é urgente, tem como você vir aqui em casa amanhã cedinho? Confirmei o encontro mesmo sabendo que isso faria com que eu me atrasasse no estágio, comi e me deitei pensando, qual assunto seria tão sério a ponto dela me ‘recrutar’ de forma tão abrupta. Tânia, uma moça muito atraente, exalava sensualidade e, talvez por isso, tenha engravidado ainda na adolescência. Nos conhecemos no último ano do ensino básico, o que seria hoje o nono ano. Após as férias de verão, para a surpresa de todos ela voltou às aulas, já no primeiro colegial, ostentando uma barriga de sete meses de gravidez. Nos anos que se seguiram estreitamos muito nossos laços de amizade. Por algum motivo inexplicável ela viu em mim uma pessoa na qual poderia confiar. O sentimento foi recíproco e assim nos tornamos confidentes. Fiquei sabendo de detalhes de sua vida, a bobeadas ao engravidar, o casamento imposto pela família, o relacionamento conturbado com o pai da criança, o fim deste relacionamento através de um divórcio litigioso, a barra pesada de conciliar os estudos com o cuidar da filha, o relacionamento com os pais e a família e até mesmo seus novos romances. Adormeci entre as recordações e a especulação. Na manhã seguinte, ao chegar na casa dela (uma edícula no fundo da casa dos pais), Tânia aparentava não ter dormido, seu rosto carregava uma expressão de angústia e ela me pediu para não ser interrompida enquanto falasse. Então começou a contar sobre um sonho muito estranho que ela havia tido. Nele havia um menino em situação de grande perigo que clamava por ajuda, naquela situação ela seria a única capaz de socorrê-lo. Mesmo se esforçando muito para salvá-lo não foi capaz de fazê-lo, porque salvar a criança implicaria na própria morte e, no último momento, ela optou por sobreviver. O silêncio tomou conta do ambiente e enquanto eu ligava os pontos, relacionando seu atual namoro à vida complicada que ela levava, não demorei a deduzir que ela falava de aborto. Perplexo, assim defino hoje minha situação daquele momento, ficamos nos olhando por “infinitos segundos”. Eu não sabia o que dizer e, acredito que meu olhar foi o suficiente para que ela entendesse que eu estava ali para ajudá-la. Foi Tânia quem interrompeu o silêncio aliviando minha consciência: nós (ela e o namorado) já decidimos, marcamos o procedimento, será no dia tal, hora tal, eu só peço que você esteja lá também. Desnecessário dizer que o nó em minha garganta nunca tinha sido tão incômodo. Amizade é um sentimento que a gente não consegue definir, no máximo podemos esboçar detalhes que fazem parte dela.

Os anos de convivência com Tânia me deram a certeza de que ela estava sofrendo intensamente, acho que a amizade me fez ter empatia por ela, e eu nem conhecia esta palavra. Dei todo o suporte afetivo que consegui reunir, tentando não pensar no ato em si e sim em estar ajudando uma amiga. Não foi fácil estar na sala de espera da clínica, menos ainda vê-la entrar para a “cirurgia” e, mais difícil de tudo, acompanhá-los (ela e o namorado) na volta para casa. Minha criação católica ficou revirando minha consciência e, justamente por isso, deduzi que a situação dela não era diferente, ou melhor, era muito diferente porque afinal foi ela que teve que tomar e assumir a decisão. Mesmo assim eu me colocava ora como cúmplice de um crime, ora como um bom samaritano fazendo o bem. Pouco tempo depois, ela rompeu o namoro, a relação não resistiu ao procedimento. Nessa época, em outra conversa, ela novamente se abriu comigo dizendo não ter sentido do companheiro o que chamou de mínimo apoio. Disse que ele, nas semanas que se sucederam, não a acolheu e pouco valorizou as crises de consciência pelas quais passou. Logo pensei na diferença de comportamento entre duas pessoas em relação às consequências de um ato praticado em conjunto.

Por que estou relatando isso em 2024, se o fato aconteceu há mais de 40 anos? Porque até hoje nós, a sociedade brasileira, nos recusamos a falar sobre aborto. Este é o primeiro de alguns textos que pretendo publicar aqui, e não estou fazendo isso para defender ou propagar o procedimento de interrupção da gravidez, nem defendê-lo como método contraceptivo. Vou usar minha experiência de ouvinte de mulheres que abortaram, já que não tenho útero e jamais vivenciarei na própria pele tal tipo de ocorrência. Pretendo com isso que o assunto seja discutido como o que é de fato, um caso de saúde pública. Minha amiga, como integrante da classe média, pode realizar o procedimento de forma segura em uma clínica particular bastante conhecida em São Paulo, justamente por realizar abortos. No entanto, desde sempre mulheres pobres introduzem agulhas de tricô em suas vaginas, tomam remédios e substâncias suspeitas, batem na própria barriga, ou se submetem ao procedimento em locais sem a mínima condição sanitária, entregando sua vida a aventureiros/as que aceitam “ajudá-las mediante pagamentos a preços módicos”. Não raro, isso as leva à morte. Esta história demonstra que, pelo menos neste caso, a decisão de Tânia foi extremamente dolorida, fez com que ela sofresse muito, talvez ainda sofra, talvez jamais tenha se libertado do ocorrido. Ela precisou tomar uma decisão crucial entre seguir sua já difícil vida de jovem mãe solo, ou se responsabilizar por mais uma vida, correndo o risco de não dar conta sequer de sua filha então com 4 anos. O que cada um de nós teria feito no lugar dela? Ninguém precisa responder, o passado está dado.

O que faremos a respeito de procedimento abortivo?

O futuro precisa ser discutido. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*